

## Capítulo 16

### ELEVAÇÃO À FREGUEZIA

**A** data da criação da Freguezia de N. S. da Conceição do Bom Sucesso do Rio Pardo é que figura na abertura do seu primeiro livro de batizados, que se encontra na Cúria Diocesana de São João da Boa Vista. Esse livro não tem cronologia exata, pois fragmentos do mesmo e de outros livros de igual natureza, de épocas distintas, foram encadernados num só volume. Batizados posteriores são misturados com os de épocas muito mais antigas. Tiramos cópia de todos esses documentos (xérox) e os colocamos em ordem de suas datas.

O mencionado livro conduz-nos a identificar o dia 2 de março de 1775 como o da criação da Freguezia. Teria sido esta desmembrada, no que diz respeito à vigararia da Vara, de Mogi-Mirim e, quanto ao Paroquiato, de Mogi-Guaçu<sup>1</sup>, sendo as divisas traçadas pelo bispo de S. Paulo, D. Frei Manuel da Ressurreição<sup>2</sup>.

#### Abertura do livro

A abertura desse primeiro códice cacondense é bastante esclarecedora:

“Livro 1.º - Este livro que há de servir para os assentos dos batizados dos brancos, livres e cativos desta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Bom Sucesso do Rio Pardo, e vai por mim rubricado com a minha rubrica costumada de que uso – PFBA – por comissão e faculdade que me deu o Ilmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Frei Manuel da Ressurreição atendendo o mesmo Senhor a munta pobreza desta Freguezia, **e ser eu o primeiro pároco que vim criar esta mesma Freguezia** e por essa razão não ter ela reditos com que pudesse pagar as ditas rubricas, o qual há de servir desde fls. 2 até fls. 99, inclusive para assento dos batizados dos brancos e livres, e desde fls. 100 até o fim para os assentos dos batizados dos escravos, e no fim levará termo de encerramento na forma do Estilo. **Arraial do Rio Pardo**, 2 de março de 1775. O vigário Francisco Bueno de Azevedo”.

O termo de encerramento desapareceu. Note-se que o padre assina no “Arraial do Rio Pardo”, quer dizer, ali ainda não era a Freguezia. A faculdade de a criar foi-lhe dada, como declara, por D. Frei Manuel da Ressurreição. Com a abertura do livro, ficou a Freguezia criada. No nosso modo de entender, o dia 2 de março é o dia exato da criação da Freguezia de Caconde, no Bom Sucesso.

O padre Bueno de Azevedo deve ter chegado ao arraial nesse dia, data em que abriu o livro de batizados, ou pouco antes. É possível que tenha realizados batizados no mesmo dia, o que não se pode verificar, pois da primeira parte do livro restam poucas páginas. Mas se o vigário abriu o livro nesse dia, foi no mesmo dia que iniciou as suas atividades espirituais, sabido que era um homem disposto e cheio de energia. O primeiro batizado que se tem notícia tem a data de 11 de junho. Se todo aquele sertão estava sem sacerdote, deviam existir muitas crianças para receber o batismo e não iria o vigário aguardar tanto tempo.

O primeiro assento, feito com a letra do padre Bueno de Azevedo está na fl. 92, não mencionando Matriz nem Freguezia. Tem a data de 8 de julho do mesmo ano e refere-se ao “caminho dos Goiases, sertão desta Freguezia”. A 20 e 28 de outubro de 1775, mencionam os assentos “Igreja Matriz do Rio Pardo”. A 13 do mesmo mês e ano a referência é a Igreja Matriz de N. S. da Conceição do Bom Sucesso do Rio Pardo. Assim, como dissemos, a Freguezia foi criada pelo padre Bueno de Azevedo, por comissão que lhe deu D. Frei Manuel da Ressurreição. O nome correto era FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO BOM SUCESSO DO RIO PARDO, como se vê, aliás, na transcrita abertura do livro de batizados<sup>3</sup>.

Eis o assento do primeiro batizado, à fls. 32:

“Aos 11 dias do mês de junho de 1775 batizei e pus os santos óleos à inocente Ana, filha de Rosa e de pai incógnito, escrava do guarda-mor Manoel Pais Garcia. Foram padrinhos José de Araújo Ferraz, solteiro, e sua irmã d. Maria Francisca de Jesus, solteira, filha de Luís Mendes, todos desta Freguezia, e para constar fiz este assento. Padre Francisco Bueno de Azevedo”.

Na ordem de colocação das folhas do livro, o primeiro assento é datado de 17 de maio de 1837, feito pelo padre José Barbosa do Nascimento, que batizou e pôs os santos óleos a Luísa, de 17 dias, filha de Antônio Bengüela e de Joana, crioula, escrava de José de Faria, sendo padrinhos Bento, escravo de José de Faria e Marcelina, escrava de Lourenço de Siqueira. Entretanto, na fl. 7 e seguintes, constam outros assentos mais antigos, a partir de 9 de fevereiro de 1780, quando o padre Antônio João de Carvalho, na Freguezia de Cabo Verde, batizou o inocente Tomás, filho de Tomás de Souza e de Ana Joaquina, “freguezes desta Freguezia do Rio Pardo” e assinado abaixo pelo padre Francisco Bueno de Azevedo.

Nas fls. 7 a 10, no período de 14 a 20 de agosto de 1781, o padre Francisco Bueno de Azevedo visitou diversas localidades no caminho dos Goiases, onde celebrou missa efetuou batizados. Nesse ano a Freguezia de Cabo Verde estava anexa à de N. S. da Conceição.

No ano de 1795, fl. 52 v., registra-se a visita do padre Bueno de Azevedo ao sítio do Bairro do Ribeirão das Canoas (Mococa), onde estava situado o registro da Borda do Mato.

O mesmo vigário fez o último assento, de próprio punho, em 28 de maio de 1798 a fl. 65 v. Depois, no período de 27 a 30 de novembro do mesmo ano, segue-se a cronologia natural do livro, no qual faltam alguns meses e assina os assentos o padre José Venâncio de Souza. A fl. 7 aparece um batizado feito pelo padre Bueno, com sua própria letra, o que ocorre, também as fls. 8, 9 e 9 v. e 17. Assina, em 24 de dezembro (fls. 65 v.), o assento de um batizado feito por outro sacerdote. Deve ter falecido no primeiro semestre de 1799 ou pouco depois, eis que a 24 de agosto desse ano os assentos passam a ser feitos pelo padre Antônio João de Carvalho, de Cabo Verde.

Há dois registros do padre Antônio João de Carvalho, a fl. 65 v. De fls. 66 a 68, os assentos são feitos pelo padre Inácio Ribeiro do Prado e Siqueira, que em 1808 estava como vigário de Cabo Verde. Em 7 de setembro de 1800 (fl. 66), esse sacerdote assina na ausência do pároco.

<sup>1</sup> - Alfredo Moreira Pinto – Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil, pág. 361.

<sup>2</sup> - D. Frei Manuel da Ressurreição foi o terceiro bispo de São Paulo, confirmado por bula de 17 de junho de 1771. Fez a sua entrada na capital paulista a 19 de março de 1774. Faleceu a 21 de outubro de 1789 (Azevedo Marques, “Apontamentos Históricos”, 1.º vol., pág. 69).

<sup>3</sup> - O nome da Senhora da Conceição foi dado a várias localidades do Brasil. Quando d. João IV deu início a nova dinastia lusa, tornando Portugal independente da Espanha, consagrou a N. S. da Conceição sua pessoa e sua família, elegendo-a Padroeira de Portugal, Algarves e seus domínios (reunião das Cortes 1645-1646). O rei depositou a seus pés a coroa Portuguesa, para que só Nossa Senhora a pudesse cingir como Soberana. Daí por diante, nenhum rei de Portugal foi coroado, sendo proclamado.

Em 1775 aparece numerosas vezes o nome do padre Francisco Bueno de Azevedo, em documentos oficiais não eclesiásticos. Leiamos esta nota à pág. 315 do Vol. Dos Documentos Interessantes:

“O mapa de Minas de José Joaquim da Rocha de 1778, apresenta 3 córregos paralelos entrando no Rio Pardo do lado do norte com um registro paulista e capela central e uma guarda em cada um dos outros. No mapa de C. L. Miranda de 1804 estes três córregos, representados pelo mesmo modo, têm os nomes (começando ao leste) de São Mateus, Bom Sucesso e Conceição. Os dois últimos nomes não figuram nos mapas modernos, que somente têm dois córregos maiores, o São Mateus, recebendo o Bom Jesus (que já figura no mapa de 1804) e o Ribeirão das Areias, que é provavelmente o Conceição, recebendo diversos menores dos quais um é provavelmente o Bom Sucesso. Os documentos de 1765 falam de N. S. do Bom Sucesso. Em 1777 a capela e registro parecem ter sido na margem do Bom Sucesso, tendo aquela invocação de N. S. do Bom Sucesso. A guarda de que se queixou Luís Diogo em 1766 no documento IX, 3. “i”, parece ter sido a do São Mateus que subsequente (1780?) ficou sendo o registro principal da região. Da crônica da atual cidade de Caconde consta que a origem era na Freguezia do Bom Sucesso, criada em 1775, que foi abandonada no começo deste século, em consequência de um conflito, sendo transferida para Bom Jesus no lugar hoje denominado Silvas, a três quilômetros da atual cidade para onde a Freguezia foi transferida em 1820, com nova provisão, dada pelo bispo D. Mateus de Abreu Pereira”.

O registro foi mudado em 1778, como se pode ver da pág. 347 dos Documentos Interessantes, para a localidade de São Mateus. A Freguezia nunca esteve no Bom Jesus, onde foi descoberto ouro em 1782 (Barra Bom Jesus).

Nascera a Freguezia em função da mineração, mas as lavras não ofereciam resultados auspiciosos. Os mineradores, malogradas suas esperanças, abandonaram as catas. Todavia, os que se dedicavam à agricultura permaneceram na região e outros agricultores chegaram às terras de cultura da velha Freguezia.

Moreira Pinto cita outras causas prováveis e não apenas a falta de ouro para a decadência da Freguezia:

“A nova Freguezia do Bom Sucesso teria progredido se um incidente lamentável não a houvesse lançado no mais completo abandono. Em princípios deste século (XIX<sup>o</sup>), quando a nova Freguezia tomava maior desenvolvimento, graças à direção do Padre Francisco Bueno de Andrade (sic), deu-se em frente à porta da igreja matriz um conflito entre alguns mineiros, do qual resultou a morte de um deles, ficando também levemente ferido por uma bala, o padre que na ocasião celebrava a missa do dia. Por esse fato, interdita a igreja e debandando o grande número de mineiros comprometidos no conflito, a florescente povoação começou a decair, até que a sede da Freguezia foi transferida para as margens do Bom Jesus, no lugar hoje denominado Silvas, a 3 quilômetros da cidade”<sup>4</sup>.

Conflitos devem ter havido, mesmo numa terra em que todos eram compadres. Mas desse fato não resultou o abandono da Freguezia, nem teria sido ferido o padre. Vimos como era diminuto o número de mineiros: apenas sete. Se quisermos crer nesse episódio, teremos de transferi-lo para os fins do Século XVIII, e concluir que o reverendo Bueno de Azevedo teria falecido em consequência de ferimento recebido, o que a documentação existente não confirma. É impossível, também, que outro sacerdote tivesse sido ferido na desavença entre os mineiros, pois o padre Bueno não tinha coadjutor. Fato de tamanha significação não deixaria de ser comunicado ao governo por Jerônimo Dias Ribeiro e as autoridades eclesiásticas. O comandante do Registro de São Mateus relatava as grandezas e miudezas do sertão.

O padre Bueno de Azevedo faleceu em 1799. Nos recenseamentos de Mogi-Mirim<sup>5</sup> encontramos referências expressas à sua morte, desaparecendo seu nome, daí por diante, dos censos anuais. O nome do vigário figurou num recenseamento de 1799, feito pelo comandante do Arraial de N. S. do Bom Sucesso e seu distrito (Sertão do Caminho de Goiás), pelo capitão Manoel de Almeida. Os dados lançados revelam, que o com o rev. vigário Francisco Bueno de Azevedo (de 58 anos de idade), moravam dois sobrinhos: Francisco Bueno, de 13 anos e Ana Xavier, de 15 anos. Possuía 15 escravos e 5 agregados. Minerador, tirava pouco mais ou menos cem oitavas anuais de ouro<sup>6</sup>.

Na estatística de casamentos do ano mencionado, temos esta anotação: “Por não haver reverendo vigário nem padre, para se ver os livros dos assentos da Igreja, por isso vai esta conta por notícia”. Na estatística de nascimento: “Por ter morrido o reverendo vigário e não se saber do assento dos livros, vai esta conta só por notícia, e por isso vai incerta por não haver reverendo vigário nesta Freguezia”. E por último: “Estes são os que se sabe morreram, e não se sabe conta certo porquanto o **reverendo vigário morreu há quatro meses** e não há reverendo Padre nesta Freguezia para se ver nos assentos e por isto vai incerta”. O censo não menciona o mês em que foi elaborado.

Em 1799 o padre Antônio João de Carvalho, vigário de Cabo Verde, ia a Caconde prestar assistência religiosa e celebrar o santo sacrifício da missa. Os freguezes de Caconde, falecido o seu vigário, passaram a ser freguezes daquela localidade mineira.

Sobre o padre Bueno de Azevedo pouco sabemos, pois não encontramos o seu processo de genere et moribus. Estava em São Paulo (capital), antes de ir para o sertão do Rio Pardo, para criar a Freguezia. No livro de óbitos da Sé, 1757/77, Armário L, estante 2, livro 56, fl. 15, figura num dos assentos datado de 30 de maio de 1770 a sua assinatura. Era homem de grande atividade, pois a sua paróquia tinha um raio de ação de mais de cem léguas e ele a percorria integralmente. Seguiu o sacerdote pela estrada de Jacuí até o Rio Grande e dali, pela estrada de Goiás, ia praticando os atos do seu ministério nos diversos núcleos de população e nos pousos do Rio das Pedras, Ribeirão do Inferno, Calção de Couro, Monjolinho, Vieira, Salgado, João dos Reis, Bagres, Palência, Batatais, o velho, Carlos Barbosa, Rafael<sup>7</sup> e Cubatão até chegar ao seu limite no Rio Pardo, onde encontrava o caminho que ia ter à sua Freguezia de N. S. da Conceição.

De uma carta do comandante do Registro de São Mateus a d. Bernardo José de Lorena destacamos este trecho:

“Agora a 11 do corrente (dezembro de 1788) chegou o revmo. vigário desta Freguezia Francisco Bueno de Azevedo, vindo do Sertão do Caminho de Goiás donde foi desobrigar os seus freguezes na estrada do Rio Grande para cá”<sup>8</sup>.

Na “Relação Geral da Diocese de São Paulo, suas Câmaras, Freguezias, Côngruas, Usos e Costumes”, de 14 de setembro de 1777, de D. Frei Manoel da Ressurreição, há o seguinte sobre a quadragésima segunda paróquia – Povoação do Rio Pardo:

“O vigário desta igreja é amovível, porque não é colado nem tem côngrua da Real Fazenda. O seu pároco atual e também vigário da Vara é Francisco Bueno de Azevedo, natural desta cidade (São Paulo) de idade de quarenta e quatro anos. Sabe bastante moral, e é de bons costumes. As conhecenças, e pé de altar rendem quando muito cem mil réis. Não tem coadjutor, nem mais sacerdote algum, com freguezes distante da Igreja, quatro e cinco dias de viagem”<sup>9</sup>.

Nasceu o padre Francisco Bueno de Azevedo em 1735 ou 1736, sendo filho de d. Maria Bueno de Albuquerque, natural da cidade de S. Paulo, e de João do Prado de Azevedo, natural da Freguezia do Juqueri. Eram seus avós maternos d. Ana Bueno de Albuquerque e José da Costa Camargo, e paternos d. Maria de Lima Prado, primeira mulher, e o capitão Bartolomeu Bueno. Descendia de tradicional família paulista, onde vamos encontrar Bartolomeu Bueno, “O Moço”, capitão Fernando de Camargo,

<sup>4</sup> - A. Moreira Pinto – “Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil”, pág. 36.

<sup>5</sup> - Arquivo, caixa 117, ordem 117.

<sup>6</sup> - O cap. Manuel de Almeida, de 76 anos de idade, era casado com Ana de Souza Antunes, de 60 anos, sendo seus filhos: alferes José Pio, de 34 anos; Vicente Ferreira, de 31 anos e Antônio, de 26 anos. O recenseamento deve ter sido feito em começos de 1799.

<sup>7</sup> - Cajurú está localizada no antigo Pouso do Rafael, sesmaria concedida em 1728 a Rafael Francisco e situada acima do pouso de Carlos Barbosa de Magalhães.

<sup>8</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 473.

<sup>9</sup> - Revista do Instituto Historio e Geográfico de São Paulo, vol. IV, pág. 394. Se em 1777 o padre Bueno de Azevedo tinha 43 anos, ao falecer, em 1799, tinha 65 anos de idade.

“O Tigre”, Amador Bueno, “O Moço”, d. Bartolomeu Bueno, “O Sevilhano”, capitão-mor de São Paulo e Amador Bueno, aclamado rei de São Paulo em 1.º de abril de 1641, e que rei não quis ser<sup>10</sup>.

Era o padre Bueno de Azevedo um incansável ministro de Deus. Em 1775 já estava ele no caminho dos Goiazes para desobrigar os seus Freguezes. Repetia essa viagem regularmente. A 2 de setembro de 1780 vamos encontra-lo no Sertão do Rio Grande, no passo chamado do Rio Grande. Nesse sertão ficou até o dia 29 de setembro do mesmo ano, quando realizou o último batizado. Em 13 de novembro estava de volta à matriz de sua Freguezia. Em 1788 encontrava-se de novo no caminho dos Goiazes e seu sertão, no sítio chamado Batatais, onde celebrou missa em altar armado, às 10 horas da manhã e fez diversos batizados. A 6 de outubro desse ano estava no sítio denominado da Lage, onde rezou missa e realizou batizados. A 29 de setembro de 1789 estava outra vez no caminho dos Goiazes, onde celebrou missa. Em 8 de março de 1790 assinava assentos na matriz do Rio Pardo, onde celebrou missa. A 25 de setembro de 1790 visitava o sítio chamado do Cubatão. A 3 de outubro foi ao sítio do Rio das Pedras, onde celebrou missa. A 5 de outubro do mesmo ano visitou o sítio chamado Calção de Couro, onde celebrou missa. A 9 de outubro estava no sítio chamado da Posse, onde celebrou missa. A 13 de outubro celebrou missa e fez batizados no sítio chamado dos Bagres. No dia 19 chegou ao Sítio de Araraquara, sertão do caminho de Goiazes. A 2 de abril de 1791 efetuou batizados na Freguezia de N. S. da Conceição.

A 29 de setembro de 1781 estava no chamado sítio do Rio das Pedras, caminho dos Goiazes. No mesmo ano, a 30 de setembro, visitava o sítio do Calção de Couro. A 4 de outubro visitava Posse: a 13, o sítio chamado dos Batatais e a 18 do mês de outubro de 1781 o sítio chamado da Lage.

Em 1792 fez o mesmo giro pelo sertão do caminho dos Goiazes. Em outubro de 1793 realiza giro idêntico e volta à sua Freguezia do Rio Pardo. O último batizado é assinado pelo padre Francisco Bueno de Azevedo a 24 de dezembro de 1798.

Em cada Freguezia devia existir um livro para registros de nascimentos, um de casamento e outro de óbitos, para os brancos e livres e para os escravos. Os livros de casamentos e de óbitos não foram por nós encontrados.

As paragens visitadas anualmente pelo padre Bueno de Azevedo no caminho de Goiazes, até o sertão do Rio Grande, eram, além das já mencionadas: Vieira, Sítio, Ribeirão de Santa Maria, Passo do Rio Pardo, Ribeirão das Canoas, Mato do Ribeirão do Sertão, Pouso, São João do Sapucaí e Bebedor.

### PRIMEIROS MORADORES

Em 1775, além do Padre Francisco Bueno de Azevedo, encontramos, residindo na Freguezia (sede), o guarda-mor Manoel Pais Garcia, Luís Mendes e sua filha Maria Francisca de Jesus; o cap. Inácio Preto de Moraes e sua mulher Ana Nunes; Ana Xavier de Arruda, d. Custódia de Araújo Pais, alferes Jerônimo Dias Ribeiro, d. Francisca Luísa de Alvarenga e Francisco Bueno da Silveira.

Só no ano de 1778 foi elaborada uma lista dos moradores da Freguezia de N. S. da Conceição, como parte integrante do recenseamento da Vila de Mogi-Mirim. O ouro que esses moradores extraíam era um ouro diminuto. Vejamos:

Padre Francisco Bueno de Azevedo, tirando anualmente cerca de 100 oitavas; Josefa Maria Liz, 150 oitavas; Antônio de Moraes, 60 oitavas; José de Aguiar Maciel, 70 oitavas; Antônio de Aguiar, 90 oitavas; Tomás de Souza, 150 oitavas e d. Francisca Luísa de Alvarenga, 200 oitavas por ano. Uma oitava, no antigo sistema de pesos, constituía parte da onça, ou 3,588 gramas.<sup>11</sup>

Nesse ano de 1778 existiam 21 fogos (cada fogo corresponde a uma família). Desses 21 chefes de família somente sete se dedicavam à mineração, sendo os restantes agricultores, “plantando para o seu gasto”.

No ano seguinte encontramos apenas: Josefa Maria Liz, tirando de 80 a 90 oitava anuais; Tomás de Souza, 120 oitavas; Francisca Luísa de Alvarenga, 200 oitavas, nomes que já conhecemos e um novo minerador, João José Fernandes, tirando 100 oitavas anuais.

Alinham-se entre os primeiros moradores do Descoberto, no ano de 1772/1773: Antônio de Andrade Pereira, mineiro, natural da Ilha de Santa Maria, Vila do Porto, bispado da Angra (Açores), morador no Rio São Mateus; José de Oliveira Feio, natural da ilha de S. Miguel, que vivia de agenciar, morador em São Mateus; André João, natural do Couto de Santa Maria de Sandim, bispado do Porto, minerador, morador em São Mateus; Lourenço Justiniano Barbosa, natural do Arraial de Airuoca, bispado de Mariana, mineiro, morador no rio Pardo; Francisco Barbosa Lima, natural de Airuoca, bispado de Mariana, mineiro, morador no rio Pardo; Manoel Lopes da Silveira, natural da cidade de Mariana, trabalhador, morador no Rio Pardo; Salvador Antônio do Prado, natural de S. Paulo, negociante, morador no Rio Pardo; Inácio Bueno de Sequeira, natural de Airuoca (Juroca), bispado de Mariana, trabalhador, morador no Rio Pardo; Cap. Francisco Bueno da Silveira, natural de S. Paulo, mineiro morador naquele continente do rio Pardo.

Todas essas pessoas foram testemunhas de um “Auto de Devassa” e Assoada (traslado de), feito pelo escrivão Antônio Franco de Oliveira, a mandado do juiz José Barbosa Rego, dos “absurdos que cometeram os oficiais e seus soldados, moradores no Arraial de Cabo Verde e na “guarda posta” por parte da Capitania de S. Paulo”. A data do encerramento desse Auto de Devassa é 27 de outubro de 1772 e a do traslado 26 de abril de 1773<sup>12</sup>.

Dos recenseamentos de Mogi-Mirim extraímos alguns dados para ilustrar a história do desenvolvimento e decadência da Freguezia. Não podemos relacionar os habitantes existentes antes de 1778, a não ser os já apontados. O primeiro censo foi feito nesse ano e adiante vamos transcrevê-lo. Mais alguns nomes apareceram antes disso, além dos já referidos, o segundo comandante, Antônio Gonçalves Figueira, o cap. Inácio da Silva Costa, que estava já bastante enfermo, soldados da guarda, o ten. Francisco José Machado de Vasconcelos, primeiro guarda-mor, que ali só ia a serviço e o guarda-mor Cel. Francisco Pinto do Rego. Numa carta ao guarda-mor Francisco Machado de Vasconcelos, com data de 22 de agosto de 1772, aparecem os nomes de mais alguns moradores:

“... chegando o suplicante ao dito descoberto, a ele vieram o cap. Inácio de Souza Pereira<sup>13</sup>, George de Souza Pereira, Frutuoso Machado da Silva<sup>14</sup>, e outros mais, a requerem ao suplicante terras para se acomodarem, e com efeito as arrumou na repartição delas”<sup>15</sup>.

Em 1773, por ordem do capitão-general de São Paulo, foram concedidas terras a Manuel Rodrigues de Araújo Belém, pessoa de importância na primitiva história de Caconde e um dos fatores da manutenção da posse do seu território por parte de

<sup>10</sup> - Amador Bueno, não obstante autêntico mameluco, era, além disso, tão só Amador Bueno, sem o “da Ribeira”, que alguns lhe apõem ao nome. Ele e seu pai tiveram apenas como designativo geográfico o cognome “da Ribeira”. Ribeira, de onde proviera seu pai, Bartolomeu, achava-se à margem do rio Guadalquivir, na linda cidade de Sevilha, onde se situavam os famosos estaleiros de navios a vela (Aureliano Leite, in “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo” vol. LXXII, pág. 91.

<sup>11</sup> - Arquivo, Recenseamento de Mogi-Mirim, Ordem 177, caixa 116.

<sup>12</sup> - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo especial IV, 1957 – Dep. De Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, in “Catálogo de doc. Sobre a História de S. Paulo, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa”.

<sup>13</sup> - Não encontramos a sua patente de capitão.

<sup>14</sup> - Frutuoso Machado Tavares da Silva – Capitão da Nova Companhia do Mozambo, desmembrada de Cabo Verde em 26 de novembro de 1814 – SG – Minas Gerais – DF 709/21.

<sup>15</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 167.

São Paulo. Belém obteve ali umas nove datas de terras, para armar serviços com a sua escravatura<sup>16</sup>. Todavia, não os armou, nem as pessoas relacionada por Machado de Vasconcelos permaneceram na localidade por muito tempo, pois as não vamos encontrar no recenseamento de 1778, que registra 21 fogos e os seguintes habitantes, em número de 170:

1. – **Tomás de Souza Vasconcelos** – De 50 anos, casado com Ana Joaquina, de 30 anos. Filhos: Lourenço, de 12 anos; Teotônio, de 6; Manoel, de 4; Ana, de 3 e Maria de 8 meses. Agregado: Inácio Babelo, de 20 anos, solteiro. Possuía sete escravos.

2. – **D. Francisca Luísa de Alvarenga** – Mulher do cap. Antônio Dias (Antônio Dias Torres), de 35 anos. Possuía 10 agregados e 16 escravos.

3. – **Francisco Xavier de Passos** – De 23 anos, casado com Inácia Maria, de 25 anos. Agregada: Benta Dias, de 25 anos; filhos: Ana, de 6 anos; Inácio, de 4; Joana de 3 e João, de 2 anos.

4. – **Joaquim Rodrigues Moreira** – De 25 anos, casado com Isabel Ribeiro, de 36 anos.

5. – **Gaspar Antônio Azevedo Araújo** – De 35 anos, casado com Joana de Castro, de 29 anos. Possuía 10 escravos.

6. – **D. Maria das Neves** – Viúva, de 70 anos. Possuía 6 escravos e 1 agregado.

7. – **Salvador Miz (Muniz)** – De 38 anos, solteiro. Possuía 4 escravos. Morava em companhia de sua irmã, Ana Xavier, de 26 anos.

8. – **João Pedroso de Barros** – De 80 anos, casado. Possuía 1 escravo.

9. – **Antônio de Moraes** – De 68 anos, casado com Ângela de Oliveira, de 36 anos.

10. – **Manoel Miz de Araújo** – De 62 anos, casado com Flávia das Neves, de 35 anos. Possuía 3 escravos e 1 agregado.

---

<sup>16</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 173.

(\*) – Filhos, evidentemente, de outra mulher.